

# O envelhecimento humano e a violência intrafamiliar: algumas reflexões

*Janaina Rigo Santin\**  
*Leandra Tesser da Costa\*\**

## Resumo

Os temas envelhecimento e violência se constituem de relevante interesse visto que os idosos se tornam mais frágeis suscetíveis a ameaças e violências praticadas contra eles. Esta revisão bibliográfica traz à luz a discussão sobre o envelhecer e sua relação com a presença de violência intrafamiliar. Percebe-se que, com o passar dos anos, o indivíduo vivencia diversas experiências, algumas boas, significativas, outras nem tanto, mas, de certa forma, consegue lidar com elas, o que traz resultados muitas vezes benéficos para o seu desenvolvimento. Quando o indivíduo se percebe idoso, dependente da ajuda de familiares e/ou cuidadores, muitas vezes não consegue resolver certos conflitos que, porventura, se estabelecem durante essa relação, gerados em razão de processos familiares mal-resolvidos, da convivência intergeracional, do estresse do cuidador, entre outros. É

necessário promover o resgate de valores familiares significativos, que possibilitem um maior envolvimento e engajamento do idoso na nova forma como a família se apresenta em nossa sociedade, com vistas ao resgate da dignidade dos indivíduos longevos.

*Palavras-chave:* Envelhecimento. Família. Violência intrafamiliar.

\* Doutora em Direito pela UFPR, mestra em Direito pela UFSC, advogada, professora do mestrado em Envelhecimento Humano e da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo. E-mail: janainars@upf.br

\*\* Mestranda em Envelhecimento Humano na Universidade de Passo Fundo. E-mail: leandra-costa2002@yahoo.com.br

## Introdução

Nos últimos anos a expectativa de vida aumentou de forma significativa, por consequência das melhorias das condições de vida e saúde da população. As tabelas estatísticas apontam que o Brasil ocupará o sexto lugar no *ranking* de maior número de idosos do mundo (CARVALHO, 2002), tornando o envelhecimento populacional uma realidade evidente não só em países desenvolvidos, mas também em países em desenvolvimento, como o Brasil. Torna-se, dessa forma, um desafio contemporâneo que diz respeito a todas as classes sociais, etnias e profissões.

Estima-se que a população idosa aumentará para 25 milhões em 2025 (CARVALHO, 2002). Esse aumento da expectativa de vida leva a que os idosos permaneçam por mais tempo no convívio familiar. O ser humano, durante todo o ciclo vital, apresenta involuções fisiológicas, denominadas de “envelhecimento fisiológico”. Nesse contexto, o idoso, que já se apresenta vulnerável e fragilizado, é vítima de violência no seu domicílio, muitas vezes praticada pelo(a) companheiro(a), filhos(as), netos(as), entre outros. E, quando há presença do envelhecimento patológico, existe a necessidade de cuidados contínuos, determinando o

ciclo doença, cuidado, desgaste, fragilidade, violência.

A humanidade está em constante mudança no que se refere às questões sociais, econômicas e familiares. No contexto da família, muitas mudanças aconteceram. Em muitas sociedades antigas, o idoso era valorizado pela sua experiência e sabedoria, e os mais novos deviam obediência aos mais velhos; muitas decisões, inclusive financeiras, eram tomadas pelos anciãos. A família via o idoso como um ser inserido no contexto familiar, não cogitando a hipótese de negligenciá-lo ou de submetê-lo a violências por causa da velhice. Assim, ele só sairia do seu lar de forma definitiva por ocasião da morte.

Na sociedade atual, entretanto, alteraram-se os valores e observa-se certo desrespeito pela figura do ser envelhecido, seja porque não apresenta mais a beleza da juventude, seja porque não possui vitalidade para a produção de trabalho, seja, ainda, porque as pessoas julgam que ser idoso é não pensar mais, não conviver, sentir, reagir aos fatos da vida diária. Muitas vezes os filhos desses idosos mantêm um comportamento de menosprezo aos pais envelhecidos, tornando-se, dessa forma, um exemplo de mau comportamento aos filhos (netos) que se criam nesse contexto. Assim, apre-

endem que ser velho é ser assim mesmo, é incômodo, porque não entendem a linguagem dos mais novos, não entendem do mundo deles; por isso os excluem do convívio familiar. Esse comportamento é desenvolvido dentro da própria família, acentuando-se no convívio com outras crianças que têm a mesma visão distorcida.

A família tem papel fundamental na vida do ser humano desde a infância até a idade adulta, porque constrói toda a base psicológica, social, comportamental, a visão de mundo, os valores, entre outros. Hoje, o núcleo familiar e a escola, mais do que nunca, devem estar articulados dentro da sociedade para auxiliar na formação de pessoas que não saibam apenas fazer cálculos de forma rápida e eficaz, traduzir um texto de maneira adequada ou fazer uma redação perfeita, mas formar cidadãos que auxiliem na formação do caráter, na opinião pessoal e com valores sólidos.

Diariamente, somos surpreendidos com casos de violência contra idosos, que muitas vezes é o mantenedor econômico familiar, como em outras situações necessitam de cuidados diários em razão de doenças crônico-degenerativas. Porém, observa-se que poucos são os idosos que denunciam os maus-tratos e o menosprezo sofridos na vivência intrafamiliar. Muitas

vezes quem os maltrata são os próprios filhos, que foram cuidados de forma tão carinhosa durante o seu desenvolvimento. Isso se dá, por vezes, pelo medo que sentem de represálias de seus familiares.

Observa-se no cotidiano que a violência contra idosos no contexto da família ocorre muitas vezes de maneira velada, pois o próprio idoso não percebe que sofre violência moral, psicológica, física ou financeira. Quando sofre uma dessas formas de violência, atribui a culpa a ele mesmo, por estar velho e dependente para a realização de algumas atividades, e/ou por ter alguma enfermidade. Os idosos enfermos estão mais sujeitos a sofrer maus-tratos pela fragilidade imposta pela idade e pela doença, bem como pela segurança que o agressor tem de que nunca será denunciado, pois necessita dos seus cuidados.

Há casos de violência contra idosos dementes, cujas queixas os demais familiares acabam menosprezando, julgando se dever à doença, beneficiando com esta atitude a liberdade que o agressor conquista a cada dia. É nessa ótica que surge a necessidade de buscar cada vez mais conhecimento a respeito da violência, sugerindo mudanças na sociedade para que o ser humano, em especial o idoso, não sofra agressão intrafamiliar.

## Revisão de literatura

A questão demográfica do envelhecimento populacional no Brasil é um fenômeno recente. Em face dessa realidade, não há outro caminho senão investir em programas de atenção aos idosos. Infelizmente, os avanços tecnológicos e científicos da atualidade não priorizam a melhoria da qualidade de vida da maioria das pessoas e, por vezes, não conseguem trazer benefícios especialmente para a população que envelhece. (PORTELLA, 2004).

Conforme Ramos (2002), a transição de uma população jovem para uma envelhecida deu-se originalmente na Europa, onde se observou um declínio da fecundidade. Esse fato aconteceu muito antes de os métodos contraceptivos serem disponibilizados para a população. Tal fato se tornou possível em razão do desenvolvimento social gerado pela Revolução Industrial, havendo com isso a queda da mortalidade, a qual, aliada à queda da fecundidade, ocasionou o envelhecimento da população.

Em termos nacionais, o número de idosos tem sido justificado por fatores determinantes, como a melhoria da qualidade de vida e o consequente aumento da expectativa desta, a diminuição das taxas de natalidade e fecundidade e a evolução tecnológica,

com a incorporação de procedimentos diagnósticos e terapêuticos cada vez mais sofisticados. (PEDREIRA; LOPES; OLIVEIRA, 2004). Nesse cenário, há a necessidade de conhecer o envelhecimento na sua forma natural, ou seja, o processo de senescência, pois somente dessa forma a pessoa poderá vislumbrar possibilidades de enfrentamento. Assim, verifica-se que o envelhecimento é um processo universal, que acomete o indivíduo, a família, a comunidade, enfim, toda a sociedade.

Trata-se de um processo gradual, contínuo e irreversível, que está intimamente ligado à genética, a fatores ambientais e ao estilo de vida. Nesse momento o indivíduo percebe alterações estruturais, de forma mais marcante as físicas, como as rugas e os cabelos brancos. (GUILAMELON, 2007). Acomete todos os seres humanos, constituindo a última etapa do ciclo vital, culminando com a morte. Porém, o envelhecimento não ocorre no mesmo ritmo nem ao mesmo tempo em todos os seres humanos, por isso não pode ser avaliado somente por simples cronologia.

Cada vez mais a ciência reconhece que os seres humanos envelhecem de formas diferentes. A classificação de um indivíduo idoso não deve se limitar apenas à idade cronológica, embora geralmente esta tenha sido

utilizada nas discussões sobre o envelhecimento. As idades biológica, social e psicológica também são importantes para que se possam compreender melhor as múltiplas dimensões da velhice. (OMS, 2006). O indivíduo vivencia várias situações durante todo seu processo evolutivo, sendo influenciadas pelas ações, emoções, trabalho, cultura, educação e sociedade em que vive. Portanto, não deve ser avaliado somente como ser biológico, mas como um ser biopsicossocial.

O ser humano se desenvolve em múltiplos cenários. Portanto, não se pode dizer que todos os indivíduos envelhecem da mesma maneira e no mesmo ritmo. Esse desenvolvimento é biológico, social e psicológico. Tudo isso influencia na sua forma de agir, ser e estar no mundo e, sobretudo, na maneira como vai enfrentar as diversas situações a ele impostas, seja na juventude, seja na velhice.

Conforme Weber e Filho (2005), o envelhecimento acomete a todos os seres humanos, não havendo distinção da progressão do envelhecimento por causa da cor, religião, nacionalidade, profissão e poder aquisitivo, . Constitui-se num fenômeno universal dependente da genética, estilo de vida e fatores externos.

Logo, existem evidências de que o processo do envelhecimento é um resultado de múltiplos fatores, como

a base genética; o ambiente em que o indivíduo é exposto, em que há inúmeras agressões durante o ciclo vital, como poluição, radiação solar, entre outras; estilo de vida, visto que a pessoa adquire alguns hábitos, como o tabagismo, alcoolismo, drogas, estresse, que irão resultar em danos celulares, moleculares e teciduais, esses diretamente envolvidos com a diminuição da capacidade homeostática do organismo.

Dessa forma, pode-se concluir que o indivíduo, de uma forma ou outra, experimentará o envelhecimento global, sequencial e irreversível, seja do ponto de vista anatômico-funcional, seja do psicológico e social. É um processo que acomete todos os indivíduos, alguns antes outros depois, com doenças ou sem doenças, e depende de vários fatores contribuintes.

O envelhecimento é um processo biopsicossocial experimentado por todos os seres humanos, no qual ocorrem modificações estruturais, alterações hormonais, que resultam num organismo fragilizado, e é nessa fase que podem surgir processos patológicos. (SANTIN; BOROWSKI, 2008).

O idoso percebe o seu envelhecimento pouco a pouco através dos papéis sociais que desenvolveu durante a sua vida; a família e a sociedade também acompanham essa etapa da vida e, de uma maneira ou outra, de-

termina o envelhecimento social do ser humano. Como a sociedade, de maneira geral, valoriza o ser produtivo, quando se aposenta, este passa a ser considerado como improdutivo e, dessa forma, acaba por ser excluído das decisões, seja na família, seja na comunidade, configurando-se uma sociedade oposta aos costumes antigos, em que o idoso era valorizado pela sua sabedoria e pela detenção do conhecimento.

Beauvoir (1990) afirma que “o sentido que os homens conferem a sua existência, é o seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice”. A contribuição dos idosos à família e à sociedade surge a partir de seus conhecimentos e experiências, favorecendo um caminho adequado nas decisões tomadas. O que os velhos não possuem mais nesta etapa da vida é força, agilidade e rapidez de raciocínio. (BEAUVOIR, 1990).

Muitos indivíduos longevos buscam em sua vivência, em experiências pessoais e profissionais, bem como com todos os seus recursos psicológicos, enfrentar a velhice, aposentadoria, viuvez, a morte de parentes e amigos de maneira natural, julgando que esse é o percurso da vida. Dessa forma, tornam o enfrentamento do envelhecimento menos penoso e mais prazeroso, resultando no desenvolvimento de novos papéis sociais.

O velho na sociedade moderna é vítima da manipulação da própria família, em primeiro lugar de forma obscura, num sentido de cuidado. Porém, passo a passo a família tira-lhe a autonomia, determinando regras e condutas. Há também a visão da sociedade como exploração, através de clínicas de repouso que oferecem cuidados especiais, muitas vezes não realizados. Na Antiguidade o velho vivia a velhice na família, não havia preocupação com quem cuidaria ou quem ficaria responsável por ele, pois era um evento natural. Com a industrialização e urbanização, as famílias trabalhavam num local e moravam noutro, havendo a necessidade de providenciar recursos para os cuidados. Em suma, a valorização do velho nas sociedades será possível após a reformulação das relações humanas. (BEAUVOIR, 1990).

Com a Revolução Industrial, ocorreram mudanças no núcleo familiar, de ordem econômica, social, moral e ética. Na sociedade capitalista valorizam-se o jovem, a força de trabalho, a capacidade de produção. Dessa forma, o idoso é considerado descartável, improdutivo. (RITT; PORTO, 2007).

É na família que há a convivência intergeracional, onde são vivenciadas pelos idosos e pelos demais membros situações como carinho, amizade,

respeito, desrespeito, conflitos. Dessa forma, fortalece ou rompe vínculos numa etapa da vida em que não haveria tempo para experimentar dissabores.

A alteração demográfica causou mudanças significativas na pirâmide populacional, resultando numa transição da família que envelhece, o que torna comum haver três ou quatro gerações na mesma moradia, evidenciando maior convívio entre elas. (KALACHE, 2008). Esse convívio poderá ser o fator gerador de violência, dependendo da estrutura familiar que se apresenta. “Os contextos sociais de diferentes regimes, a cultura familiar e os estágios da vida e os recursos pessoais darão significado às relações familiares intergeracionais, determinando as trocas e o suporte quando os idosos necessitarem de cuidados.” (KALACHE, 2008).

Conforme Gaioli e Rodrigues (2008), a família é responsável pela manutenção do bem-estar e integridade do idoso, porém o Estado deve estabelecer normas para que esse direito seja legitimado.

Na sociedade atual questiona-se qual é o lugar do idoso na família, visto que no contexto contemporâneo os jovens são conhecedores da informática, possuem maior força e agilidade para o desempenho de atividades, ou seja, cultua-se a juventude, o belo. O

idoso a cada dia perde espaço, lugares estes que já foram seus, quando se valorizavam a experiência e a sabedoria, outrora prerrogativas dos mais velhos. (BARROS, 2004).

O tema violência contra idosos não é um fenômeno recente, tendo se tornado mais visível com o aumento do contingente populacional envelhecido. No entanto, conforme Araneda (2007), parece impossível para a sociedade imaginar a violência contra o idoso no âmbito familiar, pois esta parece ser mais comum em instituições de longa permanência para idosos.

Inicialmente, a violência contra os idosos era identificada como uma questão muito familiar, permanecendo obscura até a metade do século XX. Representa, hoje, um grande desafio para a sociedade em geral e, particularmente, para o setor saúde. (MACHADO, 2002).

As razões para a ocorrência da violência contra idosos envolvem a fragilidade das relações familiares, cuidadores desgastados, idosos socialmente isolados, alterações na estabilidade de poder entre a vítima e o agressor. (ARANEDA, 2007).

O idoso que sofre processos patológicos na velhice torna-se mais vulnerável a situações de violência. Esta pode ser efetivada por algum membro da família, ou pelo cuidador designado para esse fim. As pluripatologias são

fatores determinantes para a dependência funcional de cuidadores, dessa forma ficando à mercê de maus-tratos. Quando o responsável pelo idoso se depara com situações de violência ocorridas no domicílio, acaba por se omitir e/ou relata que não tem outra forma de cuidado, tornando a vítima mais vulnerável.

Com a evolução da sociedade, o velho, que era sinônimo de sabedoria, experiência e respeito, passa a ser visto como decadência – fisiológica, econômica e intelectual –, não sendo mais a figura representativa que foi em anos anteriores. O jovem, o adulto e a criança visualizam-no dessa ótica; assim, os idosos são estigmatizados como seres inertes no mundo, tornando-se pouco a pouco um fardo para a família. A partir disso iniciam-se os conflitos familiares, pois nesse contexto estão a criança, o jovem, o adulto e o idoso; há também, com o passar do tempo, o desgaste do cuidador, resultando muitas vezes em violência intrafamiliar. Dessa forma, interrogamo-nos se é viável as pessoas viverem mais, porém sem dignidade e autonomia, ou seria melhor viver por menos anos, mas com dignidade, respeito, felicidade, paz e, sobretudo, sem violência.

A violência contra idosos já representa um fenômeno mundial, havendo dificuldade em identificar os números

de maneira fidedigna. Os idosos muitas vezes julgam que maus-tratos são peculiares à idade; por isso não são formalizadas denúncias. Porém, são inúmeras as consequências. Existe dificuldade por parte da sociedade, dos idosos e profissionais de discutir sobre o tema. Em 2006 foi instituído o dia 15 de junho como o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa, cujo *slogan* foi “Violência contra pessoa idosa: vamos romper o pacto do silêncio”. Apesar de ter completado três anos, o pacto ainda não foi rompido. O objetivo foi sensibilizar a sociedade quanto ao tema, pois a violência atenta contra os direitos humanos, Porém muito ainda precisa ser feito.

A violência ocorrida no seio familiar é ocasionada por alguém da família, como filhos, noras, netos. Dessa forma, torna-se difícil para o idoso denunciar, pois estaria admitindo violência sofrida por pessoas da própria família. (ARANEDA, 2007).

A violência pode ocorrer de forma invisível nas casas, instituições, trabalho, serviços de atenção à saúde das pessoas. Pode ser definida como uso premeditado e intencional da força física ou poder contra si próprio, indivíduos ou comunidade, que gere ou tenha condições de gerar morte, lesão, alterações psicológicas, deficiência ou privações. (OMS, 2002).

Conforme a definição da International Network for the Prevention of Elder Abuse (Inpea) e adotada pela Organização Mundial de Saúde, “o abuso de idosos é o ato simples ou repetido, ou ausência de ação apropriada, que ocorre no contexto de qualquer relacionamento em que haja uma expectativa de confiança que cause dano ou lesão a uma pessoa idosa”. (OMS, 2002, p. 148).

Em estudo realizado no Rio de Janeiro observou-se que a maioria dos idosos vítimas de violência são mulheres, casadas, de cor negra. Observando a prevalência da violência física não grave e grave nos diferentes subgrupos, constatou-se que foi maior entre os mais novos, os que moravam com maior número de indivíduos, os com relato de doença articular e entre os que apresentavam história de diabetes. Não foram observadas diferenças significativas entre os gêneros e entre os grupos classificados de acordo com a suspeição de uso inadequado de álcool. Percebeu-se também a presença de violência física grave entre os idosos com mais anos de estudos e idosos com alterações na memória. (MORAES, 2008).

Nas conclusões do autor, a violência sofrida pelo idoso pode se manifestar por sinais e sintomas comuns a algumas patologias próprias da faixa etária, tornando, dessa forma, difícil

a identificação, especialmente quando a vítima não expõe seus sentimentos pelo medo do cuidador, pela necessidade econômica, por sentimento de menos valia pela própria família. (MORAES, 2008).

A violência contra idosos pode ocorrer de várias formas: pode ser física, em que os agressores são geralmente próximos à pessoa, como filhos, vizinhos; ou psicológica, que é realizada pela negligência e descaso. Em estudo realizado em São Paulo verificou-se que a maioria dos agressores eram filhos; a maioria das ameaças sofridas eram ameaças seguidas de lesão corporal. (RITT; PORTO, 2007).

Dessa forma, a vítima de violência intrafamiliar muitas vezes encontra-se sem alternativas de mudança, porque depende economicamente e mantém vínculo afetivo com o agressor. (SANTIN et al., 2004). Porém, nas palavras de Araneda (2007), “a violência contra pessoas idosas é uma violação aos direitos humanos e é uma das causas mais importantes de lesões, doenças, perda de produtividade, isolamento e desesperança”.

Logo, não há dúvidas de que a violência contra idosos fere os direitos humanos, pois torna o indivíduo um ser sofrível, que não encontra possibilidades de mudanças, porque, geralmente, depende de cuidados, os quais podem ser de natureza econô-

mica, funcional e sentimental. A importância dada à questão dos direitos humanos justifica-se pela tentativa de impedir que se perpetue essa inferioridade social e cultural imposta ao velho. (ARANEDA, 2007).

A dignidade humana é própria do ser humano e independe de religião, raça, cor, classe social ou poder econômico que possui. O princípio da dignidade humana permite proteger o ser humano, bem como promover a efetividade de ações que resultarão em satisfação de necessidades básicas, o que terá como resultado uma vida mais digna ao homem. (SANTIN; BOROWSKI, 2008).

Conforme Santin e Santin (2004), é atribuição da família, do Estado e da sociedade amparar e auxiliar seus gerentes preferencialmente no seio familiar, bem como facilitar a participação social na comunidade e proteger sua dignidade garantindo-lhe o direito à vida. A Constituição Federal também prevê o respeito à dignidade humana, sem distinção de raça, gênero, idade e classe social.

Todos os seres humanos devem usufruir dos direitos fundamentais em qualquer etapa do ciclo vital, seja mulher, homem, criança, adulto ou idoso. No envelhecimento em especial, devido às fragilidades advindas do processo, há a necessidade de garantir que esses direitos sejam vivencia-

dos para que essa etapa não seja entendida pelo indivíduo como etapa de tristeza, violência e isolamento social. Dessa forma, há a necessidade de reestruturar a sociedade que envelhece de maneira acelerada, vislumbrando um futuro mais promissor aos gerentes inseridos no contexto familiar.

## Considerações finais

O envelhecimento é uma etapa da vida que inicia muito antes de os seres humanos se darem conta. Esse processo evolui de maneira lenta e insidiosa, dependendo de vários fatores, como alimentação, genética, exercícios físicos, entre outros. A maioria das pessoas sonha em viver muito, mas com qualidade de vida na terceira idade. Porém, em vários casos essa qualidade de vida se transforma em profundo sentimento de solidão, tristeza e culpa.

As pessoas nascem, crescem no seio da família e espera-se que o envelhecimento possa ser vivenciado também junto aos seus, da mesma forma como foi nas demais fases, com harmonia, autonomia e dignidade. Porém, nem sempre nos deparamos com essa situação, mas com situações em que o idoso perde a autonomia de uma hora para outra, porque as demais pessoas o julgam incapaz, induzindo a perda da independência e consequente autoconfiança.

O processo de envelhecimento é um fenômeno que se verifica na realidade atual e ficará mais marcante nos próximos anos, conforme as projeções. Infelizmente, esse processo geralmente vem acompanhado de morbidades que dificultam a realização das suas atividades, tornando o idoso dependente funcionalmente e, algumas vezes, intelectualmente, em razão de doenças demenciais. O idoso poderá desenvolver doenças físicas e mentais, o que determina total necessidade de cuidadores vinte e quatro horas por dia. Esses cuidadores podem ser familiares, como também cuidadores que a família contrata.

Dentro do contexto familiar, observa-se uma sobrecarga a todos os indivíduos que compõem o grupo, pois uns estudam, outros trabalham, alguns possuem dupla jornada, não havendo condições para o cuidado com o idoso que necessita de atenção. De certa forma, quando a família não provê os recursos de que o idoso precisa, julga-se que o está negligenciando; quando, ao contrário de cuidar, violenta o idoso de todas as formas de maus-tratos, como agredir física e psicologicamente, restringindo ou administrado medicamentos de forma inadequada, ou subtraindo seu patrimônio, está infringindo a dignidade humana. Existem situações em que a família terceiriza o cuidado, mas não

supervisiona de maneira adequada, também assim expondo o idoso a formas de violência. Outro problema que se estabelece atualmente é a violência cometida pelas demais gerações – netos, netas, sobrinhos, noras, genros, entre outros –, que, por um motivo ou outro, convivem na mesma residência tornando o geronte mais vulnerável, gerando formas de violência não percebidas pelos demais membros: a violência velada.

Com o desenvolvimento da sociedade, a necessidade cada vez maior da conquista econômica, a saída da mulher para o mercado de trabalho, as alterações econômicas advindas da globalização, a terceirização da educação dos filhos somente para a escola, diminuiu-se, dessa forma, a função de educar dos pais. Ao mesmo tempo, as pessoas começaram envelhecer de forma ascendente, não havendo tempo nem espaço para reconstruir a estrutura familiar, preservando-se os valores de um vínculo relacional com afeto, confiança e dignidade entre todos os familiares.

Devemos zelar pelo passado, cuidando dos idosos, dos nossos avós e bisavós; agradecer o que eles fizeram por nós e por toda a sociedade, não somente porque isso está descrito na nossa Constituição, mas por uma questão de afetividade, carinho, amor, respeito e gratidão para podermos, no

futuro, também usufruir tudo isso de nossos netos e bisnetos.

## Human ageing and domestic violence: some thoughts

### Abstract

The theme ageing and domestic violence represents important interest since the elderly people become more fragile, susceptible to threaten and violence practiced against them. The following bibliographic revision brings up the discussion about ageing and its relation with the presence of domestic violence. It is noticed that, as time goes by, the elderly person has several experiences, some of them good, meaningful, and other not so good, nor meaningful, but in a way, they are able to deal with them, obtaining results, oftentimes, gainful to their development. However, when the person realizes he or she is getting older or depending on the family or caretakers, sometimes, they can't solve some conflicts that may occur during this relationship. The conflicts appear due to badly solved family issues, living together with different generations, caretaker's stress, among others. The following bibliographic revision intends to promote the rescue of meaningful family values that

make possible a better involvement and engagement between the elderly and the new mechanics of the family in our society, directed towards the rescue of the elderly people's dignity.

*Key words:* Ageing. Family. Domestic Violence.

### Referências

- ARANEDA, Nelson Garcia. Violência contra pessoas idosas: uma realidade oculta. In: *Violência doméstica contra a pessoa idosa: orientações gerais*. Coordenação de desenvolvimento de programas e políticas de saúde. São Paulo: SMS, 2007.
- BARROS, Myriam Moraes Lins. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Lígia; SÁ, Jeanete Liasch Martins (Org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004.
- BEAUVOUR, Simone; MARTINS, Maria Helena Franco. *A velhice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CARVALHO, Eurico Thomaz de. Fisiologia do envelhecimento. In: NETTO, Matheus P. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002.
- GUILAMELON, Lucimari Frankenberg. *Promoção da autonomia e da saúde em idosos: perspectivas de atuação da fisioterapia - RS*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.
- KALACHE, Alexandre. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Aces-

so em: 4 dez. 2009. doi: 10.1590/S1413-81232008000400002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Organização Mundial da Saúde. *Você decide: qual idade quer ter?* Disponível em: <[http://www.saudeemovimento.com.br/reportagem/noticia\\_pesq\\_r1.asp](http://www.saudeemovimento.com.br/reportagem/noticia_pesq_r1.asp)>.

MORAES, Claudia Leite de; APRATTO JUNIOR, Paulo Cavalcante; REICHE-NHEIM, Michael Eduardo. *Rompendo o silêncio e suas barreiras: um inquérito domiciliar sobre a violência*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/sciel.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009000200022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/sciel.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000200022&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 maio 2009. doi: 10.1590/S0102-311X2009000200022.

OMS . Organização Mundial da Saúde. *Guia global das cidades amigas das pessoas idosas*, 2007.

\_\_\_\_\_. *Relatório mundial sobre violência e saúde*, Genebra, 2002.

PEDREIRA, Larissa C.; LOPES, Regina M.; OLIVEIRA, Clarisse. Importância da capacitação de recursos humanos para o cuidado ao idoso na UTI. *Nursing*, Barueri, v. 70, n. 7, p. 21-24, mar. 2004.

PORTELLA, Marilene Rodrigues. *Grupos de terceira idade: a construção da utopia do envelhecer saudável*. Passo Fundo: UPF, 2004.

RAMOS, Marília P. Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 7, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 4 dez. 2009. doi: 10.1590/S1517-45222002000100007.

RITT, Caroline Fokinki; PORTO, Rosane T. Carvalho. *Teoria da sociedade conforme Niklas Luhmann e a condição humana de Hannah Arendt, relacionados com a violência contra idosos*, 2007.

SANTIN, Janaína Rigo; SANTIN, Carlos Afonso. Estatuto do idoso: inovações de uma realidade distante. In: PASQUALOTTI, Adriano; PORTELLA, Marilene; BETINELLI, Luiz Antônio (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2004.

SANTIN, Janaina Rigo; BOROWSKI, Marina Zancanaro. O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 141-153, jan./jun. 2008.